

Resenha: FACINA, A. (Org.) *Acari cultural: mapeamento da produção cultural em uma favela da zona norte do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Faperj/Mauad, 2014.

Adriana Carvalho Lopes¹

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Pode o subalterno falar? – questiona a crítica pós-colonial indiana Gayatri Chakravorty Spivak em ensaio clássico que investiga as diferentes apropriações discursivas que o Ocidente realiza do Oriente. Segundo Spivak (1994), quando o subalterno tem a sua voz registrada numa impressão ocidental qualquer, essa voz já não é mais a representação da voz do subalterno. Produzido nos anos de 1980 e submetido a várias críticas, o ensaio de Spivak permanece atual e inquietante e não deixa de ser uma boa oportunidade para refletir sobre o papel do intelectual e dos trabalhos acadêmicos em contextos periféricos. Desse modo, trago a problemática formulada por Spivak para construir o meu próprio argumento sobre o livro “Acari cultural: mapeamento da produção cultural em uma favela da zona norte do Rio de Janeiro”, organizado por Adriana Facina.

Resultante de uma longa pesquisa etnográfica, o mapeamento busca mostrar uma realidade não só das favelas cariocas, mas das periferias de um modo geral. Trata-se de uma realidade frequentemente silenciada, tanto pela mídia corporativa, quanto por boa parte dos trabalhos acadêmicos. Recusando esse silenciamento, a obra propõe-se a narrar esse território “como um espaço produtor de cultura, central para a formação de uma identidade urbana cidadã, democrática e inclusiva” (p. 18). Para a elaboração dessa narrativas, os autores e as autoras posicionam-se de uma forma específica: mais do que pesquisar “sobre” a favela, o livro é resultado de um trabalho coletivo – um investigar e um escrever “com” a favela.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2010). Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Desenvolve pesquisa nas áreas de Linguística Pragmática, Letramentos e Estudos Culturais. Desde 2004 se dedica aos estudos sobre as juventudes subalternizadas, pesquisando e escrevendo sobre as suas diferentes linguagens. E-mail: adrianaclopes14@gmail.com

De que maneira poderíamos refletir sobre um trabalho que pesquisa “com” a favela quando pensamos no argumento de Spivak? Mais do que isso, nos dias de hoje, em que os sujeitos de periferias do mundo, inclusive no Brasil, começam a falar por si mesmos (sem a interferência paternalista dos intelectuais ou da academia), como podemos pensar o trabalho de pesquisa nesses territórios?²

O tipo de engajamento etnográfico e textual presente no livro organizado por Adriana Facina não aponta para respostas definitivas, mas sugere caminhos que possam ser trilhados. Mais do que falar “sobre” ou ser um “porta-voz” das periferias, os autores e as autoras do livro constroem uma textualidade explicitamente dialógica, sem silenciar os conflitos inerentes a esse movimento.

Para compreender melhor tal construção polifônica, problematizo, ainda que de forma breve, a reflexão de Spivak, trazendo à tona duas questões que vem sendo discutidas no campo da chamada Pragmática Crítica ou Nova Pragmática³: o que seriam os lugares da subalternidade e da dominação? Qual é o estatuto da linguagem na construção dos textos etnográficos e das representações?⁴

Primeiramente, cabe destacar que dominação e subalternidade são lugares de enunciação relacionais e situacionais: a dominação depende da subalternidade e vice-versa. Há momentos em que os sujeitos aparecem como atores subalternos, mas em outros esses mesmos sujeitos possuem um papel de dominação. Um sujeito pode ser subalterno em relação a certo sujeito e dominante em relação a outro. Tal perspectiva auxilia a construção de uma visão não-polarizada sobre as relações de dominação e subalternidade (LOPES, 2011). Se a dominação e subalternidade não são inerentes, mas sim caracterizações situacionais e relacionais, é possível ouvir e dialogar com as

² Para exemplificar esse novo contexto em que os sujeitos periféricos afirmam-se como autores de um discurso que almeja representar a própria vivência social, podemos citar o hip-hop e a chamada “literatura marginal”.

³ Cf. Rajagopalan, 2003; Silva, 2012; Silva; Ferreira; Alencar, 2014; Lopes, 2011; Pinto, 2004.

⁴ Discuto detalhadamente os limites da pesquisa acadêmica, considerando o argumento de Spivak, em outro trabalho (LOPES, 2011).

mais diversas vozes subalternas que falam dos mais diferentes lugares (CORONIL, 1994, p. 648)⁵.

Portanto, se a escolha etnográfica é por um diálogo, podemos pensar numa exegese acadêmica engajada que leve às últimas consequências a tarefa de assumir o reconhecimento que todos os sujeitos envolvidos nesse processo produzem conhecimentos situados, atravessados por relações de poder – até mesmo o/a pesquisador/a. Não se trata de falar pelo outro, mas de conversar “com”, observando os limites do lugar, da linguagem e da autoridade etnográfica.

Um segundo ponto que merece ser destacado é o estatuto não só da linguagem, mas especificamente da linguagem etnográfica. Uma das premissas fundamentais do campo da Pragmática Linguística é a de que os signos não refletem um estado de coisas anterior e exterior. Tal reflexo seria apenas uma ilusão. A linguagem produz aquilo mesmo que parece apenas representar. Nessa perspectiva, poderíamos compreender o texto etnográfico como um texto performativo, ou seja, um texto que age, pois constrói, reificando e/ou subvertendo as ilusões das representações.

A ETNOGRAFIA PERFORMATIVA DE ACARI CULTURAL

Vozes situadas e relacionais – que se traduzem e se entrelaçam no texto – são o tipo de engajamento intelectual de uma etnografia performativa; uma etnografia que traz a ação para o centro de suas preocupações, pois assume a performatividade da linguagem e tem como compromisso de trazer à tona contra-discursos. Não se trata, portanto, de dar voz ao subalterno, mas sobretudo dialogar com ele. Sem silenciar os conflitos, a interlocução é apresentada como um princípio ativo da pesquisa, politizando a produção do conhecimento de todos os sujeitos envolvidos, principalmente dos/as pesquisadores/as.

O livro “Acari cultural: mapeamento da produção cultural em uma favela da

⁵ Sem desconsiderar a materialidade que constitui essas posições, é preciso reconhecer que esse exercício pode contribuir com deslocamento ou com a desconstrução das próprias fronteiras que delimitam os espaços da subalternidade e da dominação.

zona norte do Rio de Janeiro” já anuncia no título uma espécie de contra-discurso. A periferia não é significada como um espaço da alteridade genérica, mas a favela tem especificidade e nome próprio, Acari. Com o objetivo de dar relevo às manifestações culturais que envolvem “a palavra escrita, falada ou cantada” (FACINA, 2014, p. 16), o livro desenha um mapa contra-hegemônico da cidade. Para tanto, coloca em xeque uma noção eurocêntrica de cultura, como acumulação de realizações de uma civilização nacional ou uma propriedade de um indivíduo ou grupo.

Mais do que um conjunto de signos homogêneos e classificáveis, a cultura é um processo de embates, ou melhor, é uma luta por significados. Como destaca Hall (1997, p. 5) não é por acaso que a luta pelo poder nem sempre tem uma forma física e compulsiva, mas assume progressivamente a feição de uma “política cultural”. Nesse sentido, o título “Acari Cultural”, por ser uma exceção às formas pelas quais as periferias são retratadas nos espaços hegemônicos, traz uma novidade. E a raridade dessa inscrição possibilita destacar outra dimensão da cultura: ela não é algo que se tem, mas sim algo pelo que se luta. Como aponta Facina, “nas favelas cariocas, praticamente inexistem cinemas, teatros e espaços culturais, bem como escolas de arte, recursos audiovisuais, etc.” (FACINA, 2014, p. 17). Porém, a despeito da falta de investimento do Estado, o livro nos permite conhecer como os sujeitos de Acari reinventam e ressignificam criativamente o seu próprio cotidiano.

Acari é narrado como o espaço onde se produz arte de todo o tipo, arte da diáspora africana. Saraus Literários. Artes do corpo. Do rebolado do funk à dança de quadrilha, passando pelo samba nas escolas e no pé. Das bandas de forró e de reggae aos grupos de pagode. Manifestações culturais que têm de lutar para ser reconhecidas como tais, até mesmo diante das ONGs locais.

Composto por oito capítulos e um anexo (recheado de detalhes) redigidos por pesquisadores universitários, artistas e *insiders* – ou seja, sujeitos que além de pesquisadores do projeto, são também atores participantes das esferas culturais ou das redes de sociabilidade existentes em Acari, o livro tem uma autoria dialógica e aberta, não apenas como inscrição no próprio texto – ou seja, como as diversas vozes que

estão presentes em todo e qualquer enunciado, até mesmo “na mais breve réplica monolexemática” (BAHKTIN, 1997, p. 294) –, mas uma dialogia que “performativiza” o posicionamento político de pesquisadores e pesquisadoras na confecção da própria investigação.

Se, por um lado, para os autores, pesquisadores universitários, o trabalho é textulizado multissemioticamente como uma ampliação da visão; um exercício de se desvencilhar do olhar viciado do estereótipo e encontrar realmente o “novo sobre Acari” (FACINA, 2014, p. 72), como destaca Daniel Fillipini Chaves, em um belo registro fotográfico, no capítulo “Viagem pela cidade: construção de um olhar sobre a favela de Acari”; por outro lado, Mano Teko, um dos pesquisadores *insiders*, relata no capítulo “...Lá em Acari...” que a pesquisa seria uma possibilidade “não só de aprender, mas também de opinar [...] de dar a voz e não ser a voz da favela” (FACINA, 2014, p. 69). A orquestração dessas vozes é que encena um diálogo no qual os autores e as autoras tecem narrativas situadas, buscando se colocar no lugar do outro, mesmo sabendo da impossibilidade desse movimento.

Outra interlocução exemplar encenada no livro está no capítulo “Chega da favela chorar: trilha sonora de encontros possíveis na cidade do Rio de Janeiro”, em que acompanhamos a história da composição de uma música feita por um chorão, Abel Luiz, e MC Liano, membro da pesquisa e artista do funk. Interessante como práticas musicais que, numa perspectiva “burguesa”, parecem tão distantes viram um único texto sonoro – o choro/funk *Chega da Favela chorar*. O autor do artigo, Abel Luiz, narra o processo de produção musical como um exercício de tradução de linguagens, que borra as fronteiras elitistas dos gêneros musicais: o choro vira funk e vice-e-versa.

Como destaca Adriana Facina, tal narrativa etnográfica é resultado de uma “pesquisa-ação” (FACINA, 2014, p. 20). Assim, não só o próprio livro, mas o processo de pesquisa foi também uma forma de intervenção naquele território; uma intervenção que parte dos diálogos e da escuta de demandas locais. O trabalho de Pâmella Passos é exemplar nesse sentido. No capítulo, “Lans houses em Acari: mais do que um ponto de acesso, um point de práticas culturais”, a autora, além de desconstruir a visão do senso

comum e até mesmo de certa visão escolar que, frequentemente retrata esses lugares como “espaço para perda de tempo” (FACINA, 2014, p. 27), Pamella destaca as *Lans* como “agências de letramento”⁶, territórios de entretenimento, lazer e trocas de sociabilidades. Porém, esse tipo inscrição de significados é resultado de uma intervenção: são realizadas oficinas para a produção de blogs, vídeos e outros textos digitais com os/as jovens frequentadores/as das *Lans*. Desse modo, a autoria do artigo é também multissemiótica e colaborativa – há a apresentação de dois blogs produzidos por dois frequentadores.

Fotos, músicas, blogs, documentário etnográfico chamado *Acari Cultural* textualizam juntamente com o livro a pesquisa do mapeamento. Vale destacar que o aspecto multissemiótico parece um efeito de um tipo de pesquisa engajada com um efetivo diálogo e a tradução de linguagens. Trata-se de produzir outros gêneros discursivos mais disseminados em contextos periféricos. Como enfatiza Adriana Facina, a pesquisa tinha os sujeitos de *Acari* como os seus principais interlocutores. Nesse sentido, a autora destaca que foi preciso construir outras formas de registro, “meios mais acessíveis que o livro” (FACINA, 2014, p. 21). Poderíamos fazer uma contraposição com esse tipo de etnografia que chamo de performativa com aquela que Jean Rouch (2007) chama de “etnografia dos Outros”. Para esse pesquisador, a etnografia dos Outros é aquela em que os sujeitos pesquisados não têm acesso àquilo que foi escrito sobre eles. Assim, o audiovisual seria um gênero em que a coisa mais importante é o “o *feedback*, isto é a devolução às pessoas que filmamos do filme que fizemos sobre elas” (ROUCH, 2007, p. 41).

Porém, é preciso destacar que essa interlocução ou mesmo essa autoria colaborativa não mina os conflitos inerentes dessa aproximação. De algum modo, o trabalho de mapeamento de *Acari* parece dizer aos seus leitores, principalmente para aqueles inseridos no universo acadêmico, que o grande desafio de uma pesquisa

⁶ Ainda que a autora não utilize tal termo, ela destaca que as *Lans* são territórios em os sujeitos se engajam em atividades de leitura e escrita – ou seja, uma “agencia de letramento” como destaca Brian Street (2014).

engajada com a transformação social não é falar sobre o campo com os seus pares, mas dialogar com os sujeitos do campo, com os subalternos que foram historicamente silenciados nos moldes clássicos da linguagem da razão e da ciência. Desse modo, Adriana Facina destaca,

[...] foi justamente a opção por não fazer uma pesquisa de forma mais tradicional, mais “de fora” [...] em estabelecer relações horizontais, baseadas em diálogo e reciprocidade, tornaram os conflitos mais explícitos e intensos (FACINA, 2014, p. 95).

Como já enfatizei, o livro não coloca uma resposta definitiva e redentora sobre o diálogo entre centro e periferia, mas performativiza os desafios de pesquisar “com”. Adriana Facina ressalta isso no capítulo “Trabalho de campo e conflito: reflexões sobre o fazer da pesquisa” desconstruindo a si mesma diante do campo, não só como pesquisadora e militante dos direitos humanos, mas como sujeito de gênero e étnico que pertence a uma classe. Mais uma vez, vale a pena enfatizar uma excelente passagem do livro,

Falo na minha ingenuidade, pois imaginei que meu histórico de militante ou as relações pessoais e afetivas que estabeleci em Acari pudessem apagar minha origem de classe ou meu pertencimento étnico. Pretendi estabelecer relações democráticas no campo através da participação ativa, com remuneração dos moradores do local, sem enxergar que tais relações poderiam ser interpretadas na lógica do clientelismo. [...] Subestimei a dimensão do conflito como forma de interação social constituinte do campo que eu iria atuar (FACINA, 2014, p. 93).

É, portanto, num duplo jogo de desconstruções, tanto do lugar dos sujeitos subalternizados, quanto dos próprios pesquisadores acadêmicos que o livro constitui um lugar de enunciação mais híbrido, onde se torna possível ouvir as vozes de Acari (ou, de um modo geral, as vozes periféricas), que pretendem ser compreendidas não pela sua falta (de civilidade, de cultura e de letramento), mas exatamente por aquilo que elas são, têm e produzem.

Termino com um poema crônica de Sergio Vaz, artista periférico da cidade de São Paulo que, ainda que utilize um outro tipo de gênero textual, performativiza a

mesma realidade construída no livro “Acari Cultural”

[...] A periferia nunca esteve tão violenta: pelas manhãs, é comum ver, nos ônibus, homens e mulheres segurando armas de até quatrocentas páginas. Jovens traficando contos, adultos, romances. Os mais desesperados cheirando crônicas sem parar. Outro dia um cara enrolou um soneto bem na frente de minha filha. Dei-lhe um acróstico bem forte na cara. Ficou com a rima quebrada por uma semana. A criançada está muito louca de história infantil. Umas já estão tão viciadas, e, apesar de tudo e de todos, querem ir para as universidades. Viu, quem mandou esconder ela da gente, agora a gente quer tudo de uma vez! (VAZ, 2012, p. 17)

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CORONIL, E. “Listening to the Subaltern: the Poetics of Neocolonial States”. *Poetics Today. Loci of Enunciation and Imaginary Construction: the Case of (Latin) America*. v. 15, n.4, 1994, p. 643-658.
- FACINA, A. (org.). *Acari cultural: mapeamento da produção cultural em uma favela da zona norte do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FAPERJ, Mauad, 2014.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- LOPES, A. C. *Funk-se quem quiser no batidão negro da cidade carioca*. Rio de Janeiro: FAPERJ, Bom Texto, 2011.
- PINTO, J. P. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. *D.E.L.T.A.*, v. 23, n. 1, p. 1-26, 2004.
- RAJAGOPALAN, K. *Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.
- ROUCH, J. Filme etnográfico e antropologia visual. *Doc On-line*, n. 3, p. 6-54, dez. 2007. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/03/artigo_jose_ribeiro.pdf>. Acesso em: 1 set. 2014.
- SILVA, D. N. *Pragmática da violência: o Nordeste na mídia brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, FAPERJ, 2012.
- SILVA, D. N.; FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C. N. (Orgs.). *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014.
- SPIVAK, G. C. Can the subaltern speak? In: WILLIAMS, P.; CHRISMAN, L. (Ed.) *Colonial discourse and post-colonial theory: a reader*. New York: Columbia University Press, 1994.
- STREET, B. *Letramentos socais: abordagens críticas no letramento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.
- VAZ, S. *Literatura, pão e poesia*. São Paulo: Global Ed., 2012.